



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9666 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

EMOÇÕES E AFETOS NA PANDEMIA: O COTIDIANO FOTOGRAFADO POR JOVENS ESTUDANTES

Paulo Cesar Rodrigues Carrano - UFF - Universidade Federal Fluminense

Daniela Abreu Matos - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Ana Paula da Silva - UFF - Universidade Federal Fluminense

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

EMOÇÕES E AFETOS NA PANDEMIA:

O COTIDIANO FOTOGRAFADO POR JOVENS ESTUDANTES

RESUMO

A comunicação trata de recorte de pesquisa em andamento que utiliza dispositivo fotográfico reflexivo para compreender processos de individuação de jovens estudantes de um curso de Pedagogia de universidade pública no Rio de Janeiro. O foco deste trabalho está relacionado ao cotidiano pandêmico que se revela em ensaios fotográficos e textos descritivo-narrativos. Buscou-se compreender como jovens estudantes produzem nos seus cotidianos expressões e representações das emoções e afetos no contexto da pandemia de COVID-19, caracterizado pelo isolamento social, o trabalho e os estudos remotos. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, através da técnica de análise de conteúdo das categorias temáticas do conjunto de 75 fotografias e análise dos textos e fotos produzidos por 37 estudantes. Emoções e afetos são expressos em fotografias e textos sobre cotidianos que precisaram ser reconfigurados espacialmente, mas também naquilo que se refere às relações no interior da casa e com os outros ambientes de estudo, trabalho e sociabilidades acessados, principalmente, pela mediação de tecnologias da comunicação. As narrativas sobre os cotidianos nos revelam uma tensão entre a experiência do isolamento e a necessidade do encontro.

Palavras-chave: Pandemia; Jovens Universitários; Cotidiano; Emoções; Afeto.

Introdução

Analizamos fotos e textos de jovens estudantes de pedagogia entre julho e dezembro de 2020. Esse material faz parte do acervo de projeto de pesquisa iniciado em 2017 que

busca compreender cotidianos a partir de reflexões de estudantes. O acervo total da pesquisa é constituído por 3.481 fotografias de 492 estudantes/fotógrafos. Já o material produzido no contexto da pandemia de Covid-19 é formado por 48 ensaios fotográficos, que reúnem 344 fotografias, e um texto para cada um dos ensaios que estão categorizados em cinco eixos temáticos: "Cuidado de si e com o outro", "Trabalho, estudo e lazer", "O Espaço da Casa", "Reflexões Pandêmicas" e "Afetos e Emoções". Desse conjunto, analisamos 75 fotografias e seus textos descritivo-narrativos na categoria "Afetos e Emoções".

O isolamento social incidiu sobre cotidianos reconfigurados no contexto da Pandemia de COVID-19. Essa experiência alterou subjetividades e relacionalmente na produção de emoções e afetos a partir das novas disposições de corpos e espaços definidas diante do fenômeno da pandemia. Essas vivências foram representadas a partir de demanda de trabalho acadêmico que provocou os estudantes a responderem a seguinte pergunta: "Que história de seu cotidiano é possível contar em até 10 fotografias e um texto analítico?" Recortes fotográficos do "real" e textos descritivo-narrativos explicitaram experiências e maneiras singulares de ver, perceber e agir sobre o mundo na condição societária inédita que significou o isolamento social. A forma como construímos uma imagem ou produzimos a descrição sobre elas é carregada de informações que conduzem a interpretação de quem a fez, sua intenção, e a nossa que está vendo e lendo, ambas baseadas nas experiências sociais, culturais e políticas de vida. Procurou-se combinar uma perspectiva analítica complementar entre imagem e texto para ultrapassar a visão dicotômica que opõe narrativa imagética e palavra. E, além disso, trata-se de uma decodificação para além do que está sendo visto (MARTINS, 2008).

A vida por um fio viral: emoções e afetos na pandemia de Covid 19

A maioria das 75 fotografias e textos articulados a partir das noções de "emoções" e "afetos" está associada às relações *afetivas* familiares (44 fotografias), representações que acionam amigos, objetos de afeto, memória ou fé e paisagens (11 fotografias) e outro conjunto que expressa relações com animais de estimação (20 fotografias).

No que tange à família, identificamos quatro eixos principais a partir dos quais o conjunto se articula: 1) familiares em geral (pais, mães, irmãos/ãs, avós/ôs); 2) crianças; 3) parceiros/as; 4) alimento/refeição. No primeiro eixo, são 15 fotografias que trazem momentos em família: irmã lavando louça, pai abrindo as cortinas, bolo de aniversário, foto posada - "clássica" - de família, mãe cozinhando, avó acolhendo bicho de estimação, pai e filha assistindo futebol etc. São imagens prosaicas que buscam retratar o dia a dia compartilhado no espaço doméstico. As tensões que existem - porque sempre existem na convivência - não aparecem de forma relevante aqui, os afetos representados nas imagens explicitam carinho, ajuda mútua, solidariedade e, principalmente, o sentido da família como suporte diante das dificuldades e limitações de um cotidiano pandêmico.

As crianças estão muito presentes nessa constelação de afetos, são 13 fotografias nas quais são explicitados momentos de maternagem, cuidados com sobrinhos, afilhados ou filhos de amigas, que revelam momentos prazerosos do cotidiano, o *doce* do dia, segundo uma das estudantes ao comentar a foto da sua filha.

A fotografia 4 é a minha favorita dessa série de fotos que preparei, ela representa um dos meus momentos favoritos do dia, quando a Laura (minha filha que vai completar dois meses no próximo dia 05) fica acordada quietinha prestando atenção ao que há ao seu redor, eu aproveito pra conversar com ela, apresentar alguns brinquedos, coloco

umas músicas, é o momento mais doce dos meus dias (B.S, 2020).

As crianças também são mencionadas a partir da relação que se estabeleceu com o ensino e a escola durante a pandemia. Mães, irmãs, tias, madrinhas são agora responsáveis pela mediação do aprendizado em casa e o fato de serem estudantes de pedagogia acaba sendo mais um elemento nessa equação. Uma das alunas relata o acordo que fez com o irmão de cuidar e orientar a sobrinha, já que seu contrato foi suspenso na escola que trabalhava. Agora, durante alguns turnos por semana, ela propõe atividades lúdicas (fotografia 1) e diz sentir ainda mais saudades da sala de aula. Em outra situação, a aluna relata que é a responsável pela supervisão das atividades escolares dos irmãos menores, que estão na educação infantil, porque seus pais têm uma rotina intensa de trabalho e, segundo eles mesmos, não levam muito jeito com essa função.

Fotografia 1



Nesse cenário relacional entre casa-escola ou casa-trabalho os espaços da casa tornaram-se sala de aula. A figura do professor na tela do computador, celular, entre outros dispositivos móveis, a mediação do ensino por conta do próprio estudante ou de algum familiar ou pelas "explicadoras", são os traços marcantes dos contextos educacionais neste momento de isolamento social. Uma mistura entre o espaço privado e o espaço aberto de uso coletivo, onde o privado e íntimo passou a ter representação como se fosse público (SANTOS e VOGEL, 1985). Segundo os autores, a vida comunitária desenvolvida na impessoalidade, na individualização, na privacidade e no regulamento institucional e estatal da vida se transforma em fracasso e em dificuldades de se estabelecer em seu interior o que é público. Essa ambiguidade, no entanto, deveria ser evitada e dar lugar para a complementaridade contida nos ambientes.

No âmbito das relações afetivas, a representação de parceiros e relações amorosas é significativa. Temos 08 fotos com maridos e/ou namorados/as que na grande maioria das vezes são apresentados como uma espécie de “*porto seguro*”. Uma Fotografia de mãos dadas opera como metáfora de ancoragem e segurança. São relacionamentos antigos que se fortaleceram nesse contexto e também relacionamentos novos que começaram em meio a esse novo cotidiano. Nesse conjunto de fotos, os relacionamentos são apresentados de forma harmoniosa e funcionam como suporte para as tensões, dores e dificuldades do cotidiano pandêmico. Contudo, é importante ressaltar que a experiência coletiva tem apontado, inclusive, para situação contrária. Desde os primeiros meses de isolamento social tem-se notificado o aumento de registros de casos de violência doméstica, tendo como principais vítimas mulheres e crianças, situação percebida em diversos países.

Outras imagens de destaque se referem aos alimentos ou aquilo que os representam (oito fotos): carne na panela, um prato de macarrão com panela e queijo ao fundo, o café da tarde, uma panela cheia de pipoca, um bolo de pote, uma caixa de pizza, uma xícara de café e ao fundo uma cafeteira e sanduicheira, e, um almoço completo em cima do fogão: feijão, arroz, salada e carne com batata e cenoura. *Sentar na mesa para almoçar com a família, quem diria? Fazia tempo que isso não acontecia. O lado bom da pandemia. Minha rotina antes da pandemia era muito corrida, saía de casa de manhã e só chegava à noite. Mal encontrava minha família.* (J.L, 2020 - fotografia 2).

Fotografia 2

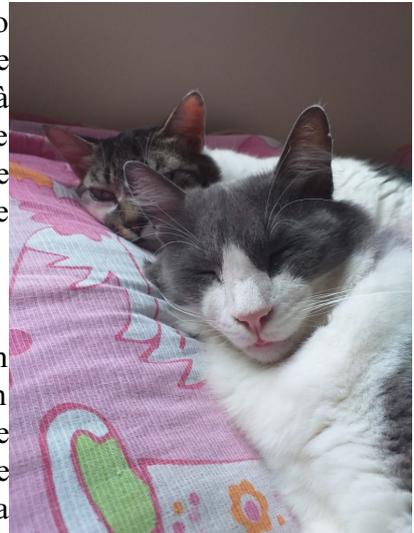
Essas cenas explicitam mais do que características ligadas à dimensão nutricional dos alimentos, o sentido de partilha e cuidado de si ou do outro é que estão em evidência. Há, desse modo, uma elaboração positiva em torno da relação entre a família e o alimento que é preparado em casa, debate presente nos estudos antropológicos que articulam a alimentação e o ambiente doméstico (CANESQUI, 2005).



Em relação aos animais, apesar dos cachorros estarem em dez das fotos, os gatos aparecem em seguida com oito e pássaros em duas das fotografias, e evidencia-se o fato da adoção de alguns deles no contexto da pandemia. Descrevem o tempo com eles de passeio, ida ao veterinário, banho, momentos de carinho, aconchego, diversão, felicidade, alegria em tempos de isolamento social, como sendo de troca recíproca de atenção e companheirismo (Fotografia 3).

Fotografia 3

Duas fotografias do conjunto analisado são representações sobre a fé e a religiosidade. Numa delas se evidencia a intenção que busca imprimir significado à imagem. Trata-se de fotografia da Bíblia com capa bastante desgastada pelo uso e uma claridade em seu miolo que parece dialogar com a descrição de *busca pela espiritualidade* para se *aproximar de Deus e da sua palavra*.



A maioria dessas 75 fotografias foram produzidas em cores, contudo, verifica-se oito em preto e branco (P & B) em que algumas representam o sentimento de medo, luto e angústia. Kaplan (2013) chama esse tipo de representação de 'socioafetiva', ou seja, sentimentos que definem a exclusão e a morte. Em contraponto a essa associação do P & B ao que é dramático, outras descrevem segurança, felicidade e afeto.

Uma das estudantes reflete se a proximidade com o outro é o que mantém a qualidade ou veracidade das relações, escancarando que talvez algumas de suas convivências, pelo distanciamento físico, deixaram de existir - o que é curioso, visto que alguns grupos de amigos têm feito contato por videoconferência: *A pandemia de certa forma escancarou a liquidez e superficialidade de nossas relações* (C.R, 2020).

Percebe-se que o cotidiano retratado e descrito passou algumas vezes por uma produção - *mise-en-scène* - da imagem ou do cenário. Algo bem comum quando produzimos uma fotografia de nossos momentos que desejamos tornar públicos. Para Martins (2008), a fotografia como “representação social” é desenvolvida a partir de uma “dramaturgia”, ou seja, uma arte “posada” onde os sujeitos comparecem diante da câmera para representar a si mesmo ou para a sociedade. Essa composição fotográfica narra ou cria histórias que permitem novas significações e possibilidades para compreender as representações da vida cotidiana. As análises das imagens devem, portanto, atentar aos vários modos de ver, sejam eles relacionados com a imaginação do fotógrafo ou tradução singular de quem decodifica e traduz a imagem. Martins (op. cit.) afirma que decifrar o que se esconde por trás daquilo que vimos, ainda nos é um desafio.

Conclusões

A pandemia de Covid-19 trouxe impactos sociais, econômicos, culturais e políticos negativos que têm afetado a saúde mental em tempos de confinamento. Existem, sem dúvidas, o temor da própria infecção e morte de familiares e amigos, a acentuação das desigualdades relacionadas à educação, trabalho, entre outros fatores. Há mais de um ano, contudo, os estudantes/fotógrafos de Pedagogia expressaram que o cotidiano das emoções e afetos vividos durante o ano de 2020 foi múltiplo; não apenas incerteza e insegurança, mas também sentimentos positivos tiveram lugar no espaço-tempo cotidiano que precisou ser reorganizado.

As representações das *emoções e afetos* nas imagens e suas descrições demonstraram o misto de sensações que foi possível experimentar durante a pandemia: alegrias, felicidades, prazeres, cuidado de si e com o outro, afetividades, motivações, afago espiritual, paz, força, contemplação, leveza, esperanças, saudade, oportunidade, delicadeza, assim como, reflexões sobre a vida, ansiedade, tristezas, solidão, angústia, luto, medo, morte, preocupação, desespero, tensões. Percebemos, assim, um exercício desses jovens estudantes em viver o cotidiano da pandemia na busca dos encontros e afetos possíveis em cada situação vivida. Há uma tentativa expressa nas narrativas de experienciar a casa a partir das suas potências de afetos. Essa observação não busca romantizar a situação, a dureza e o luto diante das perdas que integram cada uma dessas histórias de vida, mas evidencia o que cada estudante selecionou para mostrar, e desse modo, narrar de sua experiência pandêmica.

As narrativas sobre os cotidianos nos revelam uma tensão entre a dimensão de isolamento e a necessidade do encontro. A maioria das fotografias busca registrar o outro, a partilha, o estar junto. Este olhar singular para a experiência do cotidiano pandêmico explicitou a necessidade de dar nuances a um cotidiano que se tornou homogêneo, diante do isolamento social, e a conseqüente perda de heterogeneidade de relações de sociabilidade presentes nos movimentos de circulação pela cidade e de habitação de outros espaços-tempos de encontro, aí incluída a sala de aula e o campus universitário.

Referências Bibliográficas

CANESQUI, Ana Maria. Comentários sobre o Estudos Antropológicos da Alimentação. In: CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD., orgs. Antropologia e nutrição: um diálogo possível [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection.

KAPLAN, Carina. Os jovens e os seus medos sociais: da morte e de serem excluídos. Revista Teias v. 14 • n. 32 • 251-264 • maio/ago. 2013 251. Disponível em: <file:///C:/Users/proje/Downloads/24320-77172-1-PB.pdf>. Acesso em: 16/abr de 2020.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985. p. 149.